



Departamento de Letras
Instituto de Ciências Humanas e Letras
Rua Gabriel Monteiro da Silva, 700 – Alfenas/MG –
CEP 317131-001 - Brasil

A Imagem do agregado e do alimento em *Grande Sertão: Veredas*

Juliana Freire Fonseca

Universidade Federal de Ouro Preto

Resumo

Este trabalho propõe uma análise do romance *Grande Sertão: Veredas* (2019), de João Guimarães Rosa, tendo como fio condutor o universo da pobreza. Os objetivos principais foram refletir brevemente sobre a narrativa labiríntica e, ao mesmo tempo, paradoxal, produzida através das memórias do narrador; verificar a composição do personagem Riobaldo, que perpassa por camadas sociais distintas; e, dentre as imagens de pobreza na obra, analisar a figura do agregado, personificação do homem pobre livre, a partir do que foi desenvolvido em um estudo fundamentado sobretudo na perspectiva do teórico Roberto Schwarz (2000). Somado a esses, outro ponto fundamental abordado é a questão do alimento, referência em muitos momentos da vida de Riobaldo, além de um importante indicador social. Neste estudo, constata-se um contexto de desigualdades sociais no sertão mineiro, marcado tanto na representação do cenário da carência quanto no sistema utilizado para a manutenção das elites rurais.

Palavras-chave: *Grande Sertão: Veredas*. Pobreza. Agregado. Alimento.

Submetido em: 26/01/2021
Aceito em: 20/11/2021
Publicado em: 30/12/2021



Departamento de Letras
Instituto de Ciências Humanas e Letras
Rua Gabriel Monteiro da Silva, 700 – Alfenas/MG –
CEP 317131-001 - Brasil

Juliana Freire Fonseca



Mestra em Letras: Estudos da Linguagem pela Universidade Federal de Ouro Preto-UFOP. É formada em Letras com licenciatura plena na língua portuguesa pela Universidade Estadual de Montes Claros-Unimontes. Especialista em Língua Portuguesa: Leitura e Produção de Texto, dos Pressupostos Linguísticos às Implicações Pedagógicas pelo Instituto Superior de Educação Ibituruna (2013). Desde 2012, atua professora de Literatura, Redação e Gramática.



<http://lattes.cnpq.br/9069823091704390>



<https://orcid.org/0000-0003-3394-414X>



A IMAGEM DO AGREGADO E DO ALIMENTO EM *GRANDE SERTÃO: VEREDAS*

Juliana Freire Fonseca (Universidade Federal de Ouro Preto)¹

Introdução

Ao publicar *Grande Sertão: Veredas* (2019), em 1956, João Guimarães Rosa, em tom de conversa, concebe o sertão como um espaço ilimitado e apresenta, ao longo de suas páginas, uma riqueza de elementos a serem explorados. No romance é narrada a vida do sertanejo Riobaldo (por ele próprio), uma figura constantemente marcada pelo signo da ambivalência. À narração da sua existência, entrelaçam-se as tensões que dizem respeito ao processo de formação do narrador – as lembranças percorrem toda existência do ex-jagunço – e, ainda, interpretações do sertão brasileiro que, por extensão, pode ser compreendido como o palco onde se desenvolvem os contatos entre homem, natureza e cultura, regidos por uma certa oralidade pela qual a narração se constitui. Assim, em uma espécie de suspensão temporal, o discurso iniciado por um travessão abre espaço para o nascimento de uma narrativa ininterrupta.

O ex-jagunço Riobaldo está sempre cruzando seus caminhos com as trilhas de uma realidade difícil que integra o *sertão* do Brasil, um “país de pessoas, de carne e sangue, de mil-e-tantas misérias” (Rosa, 2019, p. 18). O seu contato com a escassez se dá desde o tempo de sua meninice: nos tempos em que morava com sua mãe Birgi,

¹ E-mail: julianafreirefonseca07@gmail.com



menino pobre, sentiu vergonha por estar esmolando e pelas roupas pobres que vestia diante da figura de Diadorim ainda criança. Nas estórias resgatadas da memória riobaldiana, o cenário de pobreza também perpassa sua experiência como jagunço, visto que o narrador teve que lidar, ao longo daquelas chapadas compridas, com muitos momentos de escassez. Nas estradas percorridas, sempre se deparava com a pobreza figurada na gente simples, de muita magreza, trajando “molambos” de roupas; essas pessoas, segundo Riobaldo, deveriam ter todos os sofrimentos.

Diante disso, chama especialmente atenção na narrativa a composição da ambiguidade de classe social na vida do narrador-personagem. Esse recurso faz de Riobaldo alguém que transita entre dois polos sociais: inicialmente, pobre e filho bastardo, que vive com a mãe como agregados de fazendeiro; posteriormente, herda fazendas e transfigura-se em um próspero latifundiário, desprendendo-se da camada dos despossuídos.

Apoiando-se nesse contexto social, propomos a leitura de algumas imagens da pobreza no romance. Uma delas é a figura do homem pobre livre, representada pelo sistema de agregados. Essa figuração viabiliza a percepção de estruturas sociais e políticas que se estabeleceram durante muito tempo na sociedade brasileira. Ainda, a pobreza ou o seu oposto estão intimamente ligados ao alimento ou à sua falta. Diante disso, outra imagem analisada será a da figuração da alimentação, que ganha uma carga representativa importante de distinção social.



1 Memória e ambiguidade

Diante dos olhos do leitor, superando a tradição literária do Regionalismo, *Grande sertão: Veredas* desdobra uma universalidade, a partir da qual o sertão passa a ser o mundo, e figura um complexo de relações sociais e de questões humanas. No romance nos deparamos com esse conjunto de elementos cuja estrutura narrativa é montada e exibida como uma longa conversa. Sem qualquer divisão de capítulos, ele exige um leitor desapegado da linearidade cronológica e que também não tenha pressa de mergulhar profundamente nas memórias riobaldianas. Durante o processo de rememorar suas vivências, o protagonista-narrador Riobaldo indica o assunto da conversa a seu interlocutor: “Vou lhe falar. Lhe falo do sertão. Do que não sei. Um grande sertão! Não sei. Ninguém ainda não sabe. Só umas raríssimas pessoas – e só essas poucas veredas, veredazinhas” (Rosa, 2019, p. 77-78).

Como em uma viagem realizada por meio da memória, que é parte fulcral da estrutura narrativa, o então velho sertanejo, no momento presente da enunciação narrativa, encontra-se como um grande latifundiário e faz essa narrativa em um movimento de “range rede”. O velho Riobaldo revisita do alpendre seu passado e de forma muito misturada conta sua história de vida de maneira fragmentada e desordenada.

A ordem da narração é comandada pela fluidez de sua memória afetiva, num processo de idas e vindas, com lembranças repletas de detalhes durante a apresentação dos acontecimentos. Esse recurso produz uma teia de narração labiríntica e, ao mesmo tempo, paradoxal, arquitetada por diversos fragmentos, com o intuito de delinear o emaranhado que é sua vida. Conforme defende Willi Bolle (2004), o “narrador-fazendeiro” adentra nesse momento de introspecção para contar suas estórias a um “senhor da



cidade” – que está em sua fazenda – como numa espécie de processo de autoconhecimento. Assim enuncia ele:

Não devia de estar lembrando isto, contando assim o sombrio das coisas. Lenga-lenga! Não devia de. O senhor é de fora [...]. Mas, talvez por isto mesmo. Falar com o estranho assim, que bem ouve e logo longe se vai embora, é um segundo proveito: faz do jeito que eu falasse mais mesmo comigo (Rosa, 2019, p. 35).

Ainda que haja uma negativa inicial em relação à ação de lembrar os acontecimentos passados, falar com um estranho que está ali para ouvi-lo tem um certo proveito, pois é como se estivesse falando consigo mesmo, na tentativa de ressignificar suas aventuras e especificidades do seu ser. A narrativa em primeira pessoa é desenvolvida no fluxo de consciência do personagem principal. Ademais, de acordo com Ligia Chiappini, “como trabalho da memória, narrar é terapia, e o interlocutor, um espelho neutro em que o eu pode se refletir para se reconhecer” (1998, p. 196). Assim, a articulação entre os fios que tecem a narrativa transporta o leitor para um mundo realístico e ao mesmo tempo fantasioso no universo do sertão.

No sertão das Gerais, Riobaldo compõe sua história de vida e receia que o ato de contar “alinhavado” seja algo espinhoso, pois a memória encobre muitos fatos e transforma os casos. De acordo com Andreia Paula da Silva (2018, p. 26), o teor híbrido que caracteriza a narrativa

[...] decorre de uma componente significativa para sua composição – as misturas. Há nesta obra um conjunto de elementos misturados. Há uma combinação de aspectos que revestem o enredo e a forma de apresentação do mesmo. Há uma forma mesclada e complexa de desenvolvimento do desdobramento narrativo. Há um misto de características que ordenam a tessitura estrutural e a constituição narrativa deste romance.



Esse hibridismo ao se narrar a sua experiência, além de evidenciar a história do povo do sertão, empreende, sobretudo, uma reflexão sobre a experiência subjetiva pela qual passa todo ser humano na perigosa travessia do viver. Guimarães Rosa apresenta nas páginas de o *Grande Sertão: Veredas* as mais variadas formas de vivenciar o sertão, por meios das *travessias*, que são interpretadas como metáfora da vida do homem.

Essas travessias que o protagonista conta ao seu interlocutor são estórias originadas das várias contradições que perpassam a vida humana. Desse modo, à medida que percorremos as páginas do livro, torna-se perceptível que a ambivalência é, se não a maior, a grande chave hermenêutica da narrativa.

Ainda dentro da perspectiva da ambivalência, Davi Arrigucci Jr. (2019, p. 475-476,) em seu texto “O mundo misturado: romance e experiência em Guimarães Rosa”, afirma que:

A inversão de posições, misturas e reversibilidades em vários planos – do sexual ao metafísico, do moral ao político –, com as complicações decorrentes não devem causar estranheza a um leitor de *Grande sertão: veredas*, em que fatos como esses ocorrem com frequência, expondo o desconcerto na conduta dos seres e quebrando a ordem linear do relato. Um deles, no centro do enredo, é nada menos que a paixão entre dois jagunços, num meio onde manda quem é o mais forte e a paz depende da guerra, sendo a regra a violência. Ali tudo vira problema. Com efeito, já no início do livro nos defrontamos com os limites sempre instáveis do sertão e das opiniões – “pão ou pães é questão de opiniões” – ou com o tão falado poder do diabo de se misturar em tudo.

No relato apresentado por Riobaldo, é a memória que movimenta toda a narrativa, é ela a responsável por fazer com que o tempo se organize de uma forma diferente da ordem cronológica, caracterizando, portanto, fatos desordenados/fragmentados e mudanças constantes de estórias. Tudo “misturado” e ambíguo: é assim no romance *Grande Sertão: Veredas*. As ambivalências brotam a todo tempo nesse livro dotado de peculiaridades que são percebidas desde o abrir da primeira página.



O narrador-personagem faz a travessia para se entender, questionando-se a todo instante sobre o “quem das coisas”, sobre a existência de Deus e do Diabo, sobre a razão de estar ali e dos seus atos. Assim diz Riobaldo:

De primeiro, eu fazia e mexia, e pensar não pensava. Não possuía os prazos. Vivi puxando difícil de difícil, peixe vivo no moquém: quem mói no asp'ro, não fantasêia. Mas, agora, feita a folga que me vem, e sem pequenos dessorseços, estou de range rede. E me inventei neste gosto, de especular ideia. O diabo existe ou não existe? Dou o dito (Rosa, 2019, p. 15).

Percebe-se um narrador nostálgico, que, devido ao “aburguesamento do ex-jagunço aposentado e barranqueiro do São Francisco em que se transforma, dono, além do mais, de duas possossas fazendas herdadas do padrinho (na verdade, pai) Selorico Mendes” (Arrigucci Jr., 1994, p. 16, grifo do autor), deseja remexer nas lembranças de um sertão que ficou no seu passado.

Assim o romance inicia, com Riobaldo narrando sua história, por meio de uma estrutura labiríntica, que acompanha o vai-e-vem de um relato; uma conversa que, a nós, parece um pouco lacônica, espaçada, “um puro reconto articulado sob o ritmo de impostação oral” (Nunes, 2013, p. 186).

Nesse “fluxo oral”², que na verdade é escrito, reverbera uma situação dialógica com um certo senhor vindo da cidade. Benedito Nunes reflete sobre a forma plural da escrita de Guimarães Rosa, tentando desnudar o que faz a linguagem de *Grande Sertão: Veredas* ser tão particular e o que lhe garante sua grande potência verbal, afirma que a construção narrativa de Guimarães Rosa se dá por meio de estruturas da narrativa oral, sendo essa a diferença do romance, pois essa oralidade deve ser pensada como “oralidade ficta”, segundo a formulação de Walnice Galvão (1986, p.70).

² Termo usado por Roberto Schwarz no texto “Grande sertão: a fala”, publicado originalmente em *A sereia e o desconfiado: Ensaios críticos* (1965).



À medida que faz seus relatos, o narrador, além de já saber os desdobramentos de cada acontecimento, tem ainda o poder de selecionar o quê, quando e como deseja contar. Ademais, mesmo levando-se em consideração a voz de outros personagens que aparece na obra, atravessada pelo discurso direto, o relato encontra-se sempre sob o controle de Riobaldo. A ação narrativa, como experiência humana transmitida através da literatura, torna-se também uma relação de poder ao se assumir o controle dos fatos narrados. Assim, o papel do narrador consistirá em compor o texto a partir do seu ponto de vista, cujos cortes e relações serão seus instrumentos.

No entanto, ainda que o narrador detenha esse poder supremo de escolher o quê e como contar, é preciso – e ao mesmo tempo torna-se relevante – ressaltar a dificuldade denunciada por Riobaldo em avaliar o passado e contá-lo, pois, segundo ele, está movido pela saudade e por aquilo que faz nele um “balancê”,

O senhor sabe?: não acerto no contar, porque estou remexendo o vivido longe alto, com pouco caroço, querendo esquentar, demear, de feito, meu coração, naquelas lembranças. Ou quero enfiar a idéia, achar o rumozinho forte das coisas, caminho do que houve e do que não houve. As vezes não é fácil. Fé que não é. [...] contar é muito, muito dificultoso. Não pelos anos que se já passaram. Mas pela astúcia que têm certas coisas passadas – de fazer balancê, de se remexerem dos lugares. O que eu falei foi exato? Foi. Mas teria sido? Agora, acho que nem não (Rosa, 2019, p. 131-136).

Mesmo já sabendo o quê, quando e como vai dizer ao seu doutor da cidade, Riobaldo deixa claro que é algo laborioso, e em *Grande Sertão: Veredas*, sendo a narração fruto da memória de um indivíduo que descreve sua própria história, salta-nos aos olhos a observação “feita por Riobaldo a seu interlocutor no sentido de esclarecer que sua narração é mais que a (auto)biografia de um sertanejo, ainda que seja um sertanejo jagunço, a substância de sua narração é o que chama de a *matéria vertente*” (Arnt, 2015, p. 436).



O fato é que Guimarães Rosa encena um certo desarranjo do funcionamento da memória a partir da narrativa do eu, no qual a memória irregular de Riobaldo, dotada de lacunas e interrupções, permeia diferentes momentos e situações de sua vida que vão se alterando, sem se preocupar em seguir uma cronologia precisa. Além disso, ligado a esses momentos e experiências do narrador está o caráter político e social do romance. Rosa silencia o doutor e dá voz ao sertanejo, não tem alguém que faça a mediação, falando por este; é o próprio jagunço, a sua voz, que empreende o relato da vida. Os contornos das gentes do sertão e o cenário reproduzidos pelo protagonista nos permitem tomar como objeto de pesquisa a narrativa, o narrador, bem como os seus aspectos culturais, sociais e políticos.

2 De agregado a latifundiário: a ambiguidade na vida social de Riobaldo

Dentre as muitas possibilidades analíticas abertas pelo romance de Rosa, o estudo do narrador sempre foi um dos objetos mais estimados pela crítica em função da potência e da amplitude do narrador de Grande Sertão: Veredas. É importante ressaltar que este, Riobaldo, não é (ou não é somente), como atribui Walnice Galvão, “um jagunço letrado”, mas sim um fazendeiro letrado, que, ao contar sua história, encontra-se ocupando um lugar social privilegiado: o de um grande latifundiário, dono de terra, gado e, especialmente, da voz que guia a narrativa.

Enquanto jagunço, conforme ele próprio descreve, Riobaldo não pensava, percebia-se distinto dos outros, mas não entendia. Agora em sua fazenda, com tempo em demasia, possibilitado por seus bens, vive e aprecia “pensar ideias”. Assim, faz-se fundamental, portanto, manter a distinção realizada por Willi Bolle entre o “protagonista-jagunço” e o “narrador-fazendeiro” (2004, p. 158), pois Riobaldo chama a atenção para a



condição de miséria em que se encontra a maioria dos ex-jagunços – “muito que foi jagunço por aí pena, pede esmola” (Rosa, 2019, p. 26). Ademais, nota-se que a maioria de seus ex-companheiros de jagunçagem situam-se, no período da narrativa, sob seu poderio e autoridade, uma vez que ocupam e trabalham em suas terras e são dele subordinados:

E sozinho não estou, há-de-o. Pra não isso, coloquei redor meu minha gente. Olhe o senhor: aqui, pegado, vereda abaixo, o Paspé – meeiro meu – é meu. Mais légua, se tanto, tem o Acauã, e tem o Compadre Ciril, ele e três filhos, sei que servem. Banda desta mão, o Alaripe: soubesse o senhor o que é que se preza, em rifleio e à faca, um cearense feito esse! Depois mais: o João Nonato, o Quipes, o Pacamã-de-Presas. E o Fafafa – este deu lances altos, todo lado comigo, no combate velho do Tamanduá-tão. (...) Até um pouco mais longe, no pé da serra, de bando meu foram o Sefrêdo, Jesualdo, o Nelson e João Concliz. Uns outros. O Triol... (Rosa, 2019, p. 24-25).

Assim, quem encontramos no início do texto é um “senhor de terras definitivo” com muitos agregados e que detém o poder de fala, o que o diferencia dos demais jagunços. Contudo, não foi assim desde sempre; o início de sua trajetória se dá em meio a um cenário de pobreza. Ao falar de sua mãe Bigri, Riobaldo relembra sua infância pobre:

Adiante? Conto. O seguinte é simples. Minha mãe morreu – apenas a Bigri, era como ela se chamava. Morreu, num dezembro chovedor, aí foi grande a minha tristeza. Mas uma tristeza que todos sabiam, uma tristeza do meu direito. De desde, até hoje em dia, a lembrança de minha mãe às vezes me exporta. Ela morreu, como a minha vida mudou para uma segunda parte. Amanheci mais. De herdado, fiquei com aquelas miserinhas – miséria quase inocente – que não podia fazer questão: lá larguei a outros o pote, a bacia, as esteiras, panela, chocateira, uma caçarola bicuda e um alguidar; somente peguei minha rede, uma imagem de santo de pau, um caneco-de-asa pintado de flores, uma fivela grande com ornados, um cobertor de baeta e minha muda de roupa. Puseram para mim tudo em trouxa, como coube na metade dum saco (Rosa, 2019, p. 85).

A ideia de herança automaticamente nos remete a algo valioso, mas a primeira herança recebida por Riobaldo, da parte de sua mãe, era nada mais do que “miserinhas”. É possível depreender que os objetos deixados por sua mãe determinam a posição social



e o lugar de escassez em que vivia Riobaldo. A palavra “miséria”, que indica um estado de carência absoluta, traz em seu significado a ideia de indigência e penúria. Esse mesmo vocábulo, usado no diminutivo pelo narrador, carrega um sentido ainda mais depreciativo para aqueles elementos herdados, como se dissesse “umas coisinhas sem valor”.

Essas “miserinhas” são identificadas em sua maioria como materiais de uso familiar e que ajudam a construir a imagem de um espaço simples – espaço esse que, aliás, remete à figura da mulher na sociedade vinculado à cozinha e aos afazeres da casa. Riobaldo, então, escolhe apenas as coisas que não estão ligadas a esse universo doméstico. Ele se apropria somente de uma rede, que simboliza o lugar pra dormir, uma imagem de santo, que está intimamente ligada à religiosidade e à ideia de proteção divina, um caneco, uma fivela com adornos, que talvez valesse algo, um cobertor e, por fim, uma muda de roupa, provavelmente uma das poucas, se não a única que tinha. Essa descrição da herança traça uma visão daquele ambiente e da composição da cultura material daquele espaço, principalmente a respeito da vida cotidiana dos homens livres e pobres que habitavam o sertão naquele período. Até o momento da morte da mãe – que é quando sua vida se transforma no que podemos chamar de uma segunda parte –, Riobaldo viveu em uma condição de pobreza; durante toda sua meninice, ele fazia parte da “plebe rural, pobre, sem pai, vivendo como agregado e recebendo proteção de um senhor” (Galvão, 1986, p. 78), conforme ele mesmo conta:

*Por mim, o que pensei, foi: que eu não tive pai; quer dizer isso, pois nem eu nunca soube autorizado o nome dele. Não me envergonho, por ser de escuro nascimento. Órfão de conhecença e de papeis legais, é o que a gente vê mais nestes sertões. Homem viaja, arrancha, passa: muda de lugar e de mulher, algum filho é o perdurado. Quem é pobre pouco se apega, é um giro-o-giro no vago dos gerais, que nem os pássaros de rios e lagoas. O senhor vê: O Zé-Zim, o melhor meeiro meu aqui, risonho e habilidoso. Pergunto: - “Zé-Zim, por que é que você não cria galinhas-d’angola, como todo mundo faz?” - “Quero criar nada não...” – me deu resposta: - “Eu gosto muito de mudar...” Está aí, está com uma mocinha cabocla em casa, dois filhos dela já tem. Belo dia, ele tora. É assim. Ninguém discrepa. Eu, tantas, mesmo digo. *Eu dou proteção. [...] Essa não faltou também à minha mãe, quando eu era menino, no**



sertãozinho de minha terra [...] Gente melhor do lugar eram todos dessa família Guedes, Jidião Guedes; quando saíram de lá, nos trouxeram junto, minha mãe e eu. Ficamos existindo em território baixio da Sirga, da outra banda, ali onde o de-Janeiro vai no São Francisco, o senhor sabe. Eu estava com uns treze ou quatorze anos... (Rosa, 2019, p. 37-38, grifos nossos).

Filho bastardo, Riobaldo não tinha nenhum reconhecimento legal e nunca soube autorizado o nome do pai, ou seja, não havia documento que comprovasse essa filiação. Isso evidencia não só uma ausência paterna, mas também uma ausência de tudo, pois não tinha sequer acesso ou permissão para saber o nome desse pai – daí é que provém a ideia do “escuro nascimento”. Ademais, Riobaldo explica que não sentia vergonha disso porque “órfão de conhecença e de papeis legais” é o que se via mais nesses sertões.

Em seguida, Riobaldo cita a questão de o pobre não se apegar, não criar raízes. O narrador apresenta um movimento migratório da população pobre, resultante da desigualdade social típica das regiões rurais brasileiras, marcada pelo acúmulo de terras e pelo vínculo de subordinação dos agregados aos fazendeiros. Esse processo revela ainda a condição material da vida do sertanejo atravancada pela sua dupla condição de homem livre e, ao mesmo tempo, dependente de um senhor para lhe garantir meios de sobrevivência.

Ao longo dessas memórias que abarcam o período da sua infância, Riobaldo expõe sua condição de pobreza e revela – como ele próprio diz – ser de um “escuro nascimento”, além dessa condição de “viver de favor” junto de sua mãe na fazenda de Jidião Guedes. Nessa cena o narrador apresenta o *sistema de agregados*³ que vigorou

³ O texto intitulado *A configuração dos agregados como grupo social: marginalidade e peneiramento (o exemplo da cidade de São Paulo no séc. XVIII)* (1984), de Alzira Lobo de A. Campos, ajuda-nos a entender essa figura no ambiente urbano, pois segundo a autora: “O estudo dos agregados denota que eles estavam relacionados intimamente com setores marginalizados, originários dos próprios descompassos da sociedade. Com etiologia evidentemente histórica, esses descompassos manifestaram-se em três níveis principais: 1º) Ao nível social, as características étnicas, culturais e jurídicas dos habitantes condicionaram determinados padrões de valores e de normas que só poderiam ser plenamente adotados por uma minoria. Grosso modo e sem esquematismos rígidos, os livres —



na sociedade brasileira, não só no ambiente urbano, mas também no meio do sertão até meados do século XX, como descreve Eduardo Magalhães Ribeiro (2010, p. 393), no seu texto “Agregados e fazendas no nordeste de Minas Gerais”:

Agregação, agrego ou moradia de favor – a denominação variou ao longo do tempo e das regiões – foi uma instituição corriqueira na sociedade brasileira até meados do século XX, tão frequente quanto o posseamento de terras, o concubinato e o mandonismo. Era uma relação subordinada, doméstica, hereditária e generalizada, baseada em reciprocidades que uniam protetor e protegido.

O lugar social do agregado, figura típica do desenvolvimento brasileiro, era regido por uma relação de dependência, que “atingia as áreas mais íntimas da vida” (Franco, 1983, p. 93) e que apontava para um caráter de retribuição obrigatória. De acordo com Ribeiro, “na sociedade rural a instituição foi baseada em dependência pessoal, mobilidade espacial, acesso quase sem restrições à terra e produção independente” (Ribeiro, 2010, p. 394).

brancos ou mestiços —, detentores de algum capital ou de profissões inatingíveis pelos escravos, eram aqueles realmente aptos para o preenchimento dos papéis exigidos pela sociedade e, como tais, nela integrados. [...] Esse esquema manteve uma camada — formada por forros, índios aldeados, brancos sem recursos, bastardos e outros — pouco ajustada à ordem social e, portanto, sujeita à agregação. 2.º) Ao nível do sistema econômico configurava-se uma estrutura produtiva fechada, com poucos acessos e aberturas. Tal fato significou que boa parte da população viu-se [sic] obrigada a competir com a mão-de-obra escrava, sobrevivendo precariamente, numa situação de subemprego, com remuneração intermitente [...] ou sem ocupação alguma [...]. 3.º) Ao nível institucional, a cidade não dispunha de uma rede de serviços sociais capacitada para responder às demandas de seus moradores, e, ao mesmo tempo, o núcleo urbano como uma teia de relações sociais, não propiciava o aparecimento de associações voluntárias de tipo secundário. A participação social, assim, ficou grandemente marcada pelos vínculos primários, nos quais a parentela ou o círculo de vizinhança desempenhavam as funções que deveriam ser preenchidas por agremiações formais. Doentes, órfãos, velhos, enfermos, desvalidos de toda sorte, estavam à mercê de apoios aleatórios, proporcionados por particulares. Os grupos familiares passavam a atuar como desembocadouros de elementos inativos, fato que explica a proveniência de parte apreciável dos agregados” (1984, p. 44-45).



A imagem do agregado aparece representada na literatura brasileira principalmente nos romances machadianos⁴. Por sua vez, referente ao espaço rural, a literatura representou a presença do agregado compreendendo a base social dos engenhos, descritos principalmente pelo autor José Lins do Rego, e habitando o universo rural através de João Guimarães Rosa. Isto posto, é principalmente a partir dos estudos de Roberto Schwarz que a imagem do homem pobre livre, sobretudo a do agregado, começa a tomar espaço em muitos estudos na literatura brasileira. Schwarz dedica um grande estudo a essa figura em suas análises da obra machadiana.

No ensaio “As ideias fora do lugar”, Schwarz empreende uma análise do procedimento técnico realizado por Machado de Assis que mostra a normatização de um processo social tipificado pelas relações de convivência, que era ao mesmo tempo complementar e contraditório, de ideologia liberal incorporada pelas elites conservadoras de práticas escravistas e clientelistas. Machado de Assis, escritor de um período em que o Brasil começava a se urbanizar, recorreu ao Rio de Janeiro como palco principal de seus escritos, mostrando em suas ruas e em seus personagens a passagem da monarquia para república, o fim da escravidão e a chegada de “uma certa” modernidade. Schwarz lê a questão formal do narrador de Machado de Assis para tecer uma análise social. Nesse sentido Elvis Couto (2016, p. 153-154) afirma que Brás Cubas é o modelo exemplar do proprietário de terras e escravos no formato do século XIX:

O comportamento de Brás resume o comportamento de seus pares. A classe dominante oitocentista tratou de aclimatar em contexto brasileiro as ideias liberais

⁴ A obra de Machado de Assis proporcionou um terreno fértil para lançarmos as sementes do questionamento das relações sociais brasileiras do século XIX. Machado, escritor atento e um notável crítico das estruturas sociais da sua época, dá importante espaço à figura do agregado, o qual é representado constantemente em seus romances. Isso nos faz perceber que a presença do agregado não era nada incomum àquela sociedade. Nas obras *A mão e a luva*, *Helena* e *Iaiá Garcia*, por exemplo, os agregados se fazem presentes bem como são personagens principais. Ademais, cada uma de suas personagens possui suas especificidades e sua própria maneira de vivenciar situações análogas às de agregado.



européias. Porém, na travessia pelo Atlântico, o liberalismo deixou de ser europeu em seu âmago, para sê-lo apenas em sua roupagem. As ideias liberais, aqui, estavam fora de lugar em relação ao centro do capitalismo, elas sofreram a metamorfose necessária ao seu deslocamento, passaram a conviver de forma contraditória com o escravismo e com práticas muito pouco modernas, como o clientelismo e o favor.

Desse modo, essas práticas nada modernas no cenário urbano revelam uma classe que vivia prensada entre os escravos e proprietários, conhecidos como agregados. Esses homens eram livres e pobres e não logravam espaço na ordem escravocrata, visto que não havia um lugar definido para eles:

Nem proprietários nem proletários, seu acesso à vida social e a seus bens depende materialmente do favor, indireto ou direto, de um grande. O agregado é a sua caricatura. O favor é, portanto, o mecanismo através do qual se reproduz uma das grandes classes da sociedade, envolvendo também outra, a dos que têm (Schwarz, 2000, p. 16).

Como eram os escravos que realizavam o grosso da produção nacional, só restava a essas pessoas viver de favor; isso é, os agregados eram, na realidade, aceitos por um cidadão de posses e a este se sujeitavam, pois:

Não sendo proprietários nem escravos, estas personagens não formam entre os elementos básicos da sociedade, que lhes prepara uma situação ideológica desconcertante. O seu acesso aos bens da civilização, dada a dimensão marginal do trabalho livre, se efetiva somente através da benevolência eventual e discricionária de indivíduos da classe abonada. Assim, se não alcançam alguma espécie de proteção, os homens pobres vivem ao deus-dará, sobretudo cortados da esfera material e institucional do mundo contemporâneo (Schwarz, 2000, p. 57).

Assim, apesar de serem livres, dependiam da vontade dos grandes proprietários de terras e escravos, “viviam sob o regime de cooptação política, e, sobretudo, constituíam o diagnóstico preciso de que o liberalismo, aqui metamorfoseado, contribuía com o atraso, era um obstáculo à modernização” (Couto, 2016, p. 154).

Baseada nesse sistema, a relação social no campo também se dá a partir do homem pobre que é livre, mas dependente em uma relação entre senhor e agregado.



Historicamente, segundo Ribeiro (2010, p. 394), “na sociedade rural a instituição foi baseada em dependência pessoal, mobilidade espacial, acesso quase sem restrições à terra e produção independente”. A partir do texto de Ribeiro (2010, p. 410-413), entendemos como funcionava a dinâmica do agrego nas fazendas:

Agregado não era empregado, embora às vezes pudesse sê-lo; não era vigia de extremas de fazendas, mas empunharia a carabina caso fosse necessário; não era apenas morador, pois mantinha com o fazendeiro uma relação vertical e ritualizada, mesmo que às vezes fosse de curta duração. [...] Os fazendeiros acertavam os ajustes de serviço de acordo com normas costumeiras. Raramente pagavam em dinheiro; geralmente em espécie, usando bases definidas para toda uma zona, que estabeleciam o valor do dia de serviço em mantimentos, dependendo do produto, da época, do serviço, do trabalhador e da sua habilitação.

Assim, entre distanciamentos e aproximações é que podemos descrever como funcionava essa relação social no meio rural. Enquanto o vínculo existia, era tratado de maneira trivial, não dada a merecida atenção. Mas a agregação não foi uma relação singular, uma vez que existiram diferentes tipos de agregados, variando conforme o tempo, costumes e lugares.

A análise do agrego costuma exaltar o mando pessoal que marcou o rural carrancista – como se diz no Jequitinhonha –, a força do poder de quem manda, o bom juízo de quem obedece. Mas sempre há o risco de compreender o agregado apenas em função da fazenda e do mando, elidindo suas escolhas, espelhado em famílias e fazendas alheias. Por isso, quase sempre agregado pode ser compreendido na condição limitada de eleitor de cabresto, jagunço ou assalariado, pois ganharia sentido pela submissão, pelos serviços que prestava e favores que recebia (Ribeiro, 2010, p. 413).

Essa relação incerta e complexa é experimentada por Riobaldo quando ele é aceito por seu padrinho Selorico na posição social ambígua de agregado. O narrador, no entanto, não entende ao certo a sua posição naquele panorama. A comodidade oferecida por Selorico Mendes, que o deixa “viver na lordeza” e proporciona seus estudos, faz o



narrador cogitar que o padrinho “não fosse de juízo regulado” (Rosa, 2019, p. 85). Ao chegar em Curralinho, encontra-se nessa situação dúbia de agregado e “afilhado” de fazendeiro rico. Riobaldo conta: “Nhô Maroto me pedia um ou outro serviço, usando muito bico de palavreado, me agradando e dizendo que estimava como um favor. Nunca neguei a ele meus pés e mãos, e mesmo não era o nenhum trabalho notável” (Rosa, 2019, p. 87). Esse paradoxo sobre sua posição social aflige sobremaneira o protagonista, especialmente com relação à tutela de Selorico (homem provido de bens e poder). Quando acontece ser desvendada a sua verdadeira filiação, a condição de agregado culmina na consciência de Riobaldo, e a conjuntura na ordem social em que está empregado fica mais cristalina ao se perceber filho bastardo. Deslocando-se ao longo da narrativa, como agregado destituído, filho bastardo e chefe de jagunços, Riobaldo, chega à ascensão social como proprietário de fazendas e revela como galgou esse degrau social:

E era que meu padrinho Selorico Mendes acabara falecido, me abençoando e se honrando, orgulhoso de meus atos; e as duas maiores fazendas ele tinha deixado para mim, em cédula de testamento. Seô Habão queria logo me levar lá, no Curralim, no Corinto, para eu entrar em paz de posses. Rejeitei; adiei, isto é. Porquanto, de fato, fui, e tudo recebi em limpo, sem precisão de tocar demandas, por falta de outros mais legítimos herdeiros, e o que também devido dou ao advogado meu que zelou a sucessão – Dr. Meigo de Lima (Rosa, 2019, p. 431-432).

“Órfão de conhecimento e de papéis”, Riobaldo Tatarana torna-se, então, herdeiro das maiores fazendas do revelado pai, que, no romance, tem somente a função de erguê-lo socialmente. Como fazendeiro, do lado oposto ao que ele e a sua mãe estiveram, dá proteção aos seus homens, reproduzindo o sistema mantenedor da desigualdade social. Riobaldo é, portanto, parte de duas classes heterogêneas em suas bases mais antagônicas.



De acordo com o exposto, a narrativa do *Grande Sertão: Veredas*, construída entre ambiguidades e em forma de um grande mosaico em que as experiências vividas e ouvidas se mesclam em um relato de vida no sertão, mostra-se ambivalente também na posição social do narrador. A partir de muitos estudos teóricos que tematizam o processo de narrar e da relação entre o narrador personagem e seu interlocutor, foi possível enxergar e analisar a figura desse ex-jagunço como um sujeito eminentemente ambíguo. Riobaldo “em si é misto de servo e homem livre, nem sertanejo, nem letrado, mas ao mesmo tempo sertanejo e letrado [...] tem a experiência da plebe rural e do fazendeiro” (Chiapinni, 1998, p. 199). Ou seja, sua experiência na vida jagunça localiza-se entre sua pobreza inicial, quando vivia como agregado, e a condição definitiva de proprietário, já no momento presente da narração.

3 O alimento como um símbolo de distinção social

Na narrativa de Guimarães Rosa, a paisagem, os costumes, os hábitos alimentares e, sobretudo, as relações sociais entre os sertanejos se configuram como elementos importantes para a construção das memórias de Riobaldo e de todo um quadro social do sertão mineiro. Por meio da narração memorialística do personagem-narrador, os aspectos sensoriais da memória evocam no velho jagunço lembranças de diferentes momentos de sua vida sertaneja. Entre esses aspectos, focaremos a atenção ao alimento.

A respeito desse assunto, Aline Macedo Silva Araújo, em “À mesa com Tatarana: a alimentação como marca da memória em *Grande Sertão: Veredas*”, afirma que “as abundantes referências à alimentação, às preparações, aos utensílios utilizados na cozinha e as práticas de comensalidade atuam como um dos gatilhos da memória de Riobaldo” (2017, p. 174). Desse modo, a relação existente entre o homem e a comida ultrapassa os aspectos fisiológicos da alimentação. Além de marcar hospitalidade e



comensalidade, o alimento pode determinar uma posição social e abarcar outras dimensões como prazer e emoções, visto que está inserido em diversas situações que envolvem compartilhamento e sociabilidade.

A questão alimentar marcou muitos momentos da vida de Riobaldo. Um deles foi seu primeiro encontro com Diadorim, ainda menino – encontro esse de cujo registro na memória do narrador guarda ainda a presença da rapadura e do queijo. Riobaldo relembra que precisou esmolar para honrar a promessa feita por sua mãe Bigrí em gratidão à graça alcançada (a cura de uma doença). Naquele tempo, após passar alguns dias esmolando, avistou um menino com idade aproximada à sua; segundo o narrador: “[...] era um menino bonito, claro, com a testa alta e os olhos aos-grandes, verdes” (Rosa, 2019, p. 79). Esse menino era Diadorim, usava boas vestimentas e portava um chapéu de couro, e estava ali para comprar arroz com seu tio. Riobaldo rapidamente expressou simpatia pela figura do menino. Contudo, sentiu vergonha pela sua roupa pobre e pelo seu gesto de mendicância à beira do rio.

Escondido enrolei minha sacola, aí tanto, mesmo em fé de promessa, tive vergonha de estar esmolando. Mas ele apreciava o trabalho dos homens, chamando para eles meu olhar, com um jeito de siso. Senti, modo meu de menino, que ele também se simpatizava a já comigo. A ser que tinha dinheiro de seu, comprou um quarto de queijo, e um pedaço de rapadura (Rosa, 2019, p. 79).

Nesse momento Riobaldo vê em Diadorim uma figura abastada e esconde sua sacola envergonhado. Ele compreende que a condição do menino, de possuir dinheiro e comprar o próprio alimento, concedia-lhe autonomia e uma superioridade social, associando a comida à riqueza: “além do dinheiro, o acesso à comida, assim como as roupas, que por contraste tornam sua pobreza mais notável, e o modo de se portar de Diadorim agem como agente de distinção social” (Araújo, 2017, p. 87). Diadorim, nesse primeiro encontro com Riobaldo, o interpela:



– Amigo, quer de comer? Está com fome? – ele me perguntou. E me deu a rapadura e o queijo. Ele mesmo, só tocou em miga. Estava pitando. Acabou de pitar, apanhava talos de capim-capivara, e mastigava; tinha gosto de milho-verde, é dele que a capivara come. Assim quando me veio vontade de urinar, e eu disse, ele determinou: – “Há-te, vai ali atrás, longe de mim, isso faz...” Mais não conversasse; e eu reparei, me acanhava, comparando como eram pobres as minhas roupas, junto das dele (Rosa, 2019, p. 82-83).

Percebe-se aqui uma consciência por parte de Riobaldo do seu lugar social, ao comparar suas roupas às do menino, mas ao mesmo tempo ele admira Diadorim pelo seu poder de compra e por ter acesso a produtos como rapadura, queijo, arroz e bons trajés. Após essa primeira travessia e a morte da mãe, a vida de Riobaldo muda para uma “segunda parte”, quando é levado pelo vizinho para a Fazenda São Gregório, para encontrar com seu padrinho, que o envia para Curralinho para estudar e viver sob os cuidados de mestre Lucas, tudo isso provido pelo fazendeiro Selorico Mendes.

Nessa segunda parte, Riobaldo experimenta a fartura, simbolizada e recordada principalmente pela presença dos alimentos. O narrador conta que ficava surpreso com a generosidade e os agrados do padrinho: “Eu comia muito, a despesa não era pequena, e sempre gostei do bom e do melhor” (Rosa, 2019, p. 87). A memória do padrinho para Riobaldo está diretamente associada a esses “cuidados” demonstrados em forma de comida.

Hoje é que reconheço a forma do que meu padrinho muito fez por mim, ele que criara amparado amor ao seu dinheiro, e que tanto avarava. Pois, várias viagens, ele veio ao Curralinho, me ver – na verdade, também, ele aproveitava para tratar de vender bois e mais outros negócios – e trazia para mim caixetas de doce de buriti ou de araticum, requeijão e marmeladas. Cada mês de novembro, mandava me buscar. Nunca ralhou comigo, e me dava de tudo. [...] Meu padrinho Selorico Mendes me deixava viver na lordeza. No São Gregório, do razoável de tudo eu dispunha, querer querendo. E, de trabalhar seguido, eu nem carecia (Rosa, 2019, p. 88-93).



O vínculo estabelecido com o padrinho traz para Riobaldo as benesses de realizar muitos dos seus desejos que naquela época eram difíceis ao homem sertanejo pobre. A partir de então, ele não precisava trabalhar, vivia com muitas regalias, comia bem e de tudo desfrutava. Ao relembrar toda essa fartura na alimentação durante sua juventude, Riobaldo narra a hospitalidade recebida quando conheceu Rosa'uarda, a filha do comerciante árabe Assis Wababa:

A não ser a Rosa'uarda – moça feita, mais velha do que eu, filha de negociante forte, seo Assis Wababa, dono da venda O Primeiro Barateiro da Primavera de São José – ela era estranha, turca, eles todos turcos, armazém grande, casa grande, seo Assis Wababa de tudo comerciava. Tanto sendo bizarro atencioso, e muito ladino, ele me agradava, dizia que meu padrinho Selorico Mendes era um freguesão, diversas vezes me convidou para almoçar em mesa. *O que apreciei – carne moída com semente de trigo, outros guisados, recheio bom em abobrinha ou em folha de uva, e aquela moda de azedar o quiabo – supimpas iguarias.* Os doces, também. Estimei seo Assis Wababa, a mulher dele, dona Abadia, e até os meninos, irmãozinhos de Rosa'uarda, mas com tamanha diferença de idade. Só o que me invocava era a linguagem garganteada que falavam uns com uns, a aravia. Assim mesmo afirmo que a Rosa'uarda gostou de mim, me ensinou as primeiras bandalheiras, e as completas, que juntos fizemos, no fundo do quintal, num esconso, fiz com muito anseio e deleite. Sempre me dizia uns carinhos turcos, e me chamava de: – “Meus olhos.” Mas os dela era que brilhavam exaltados, e extraordinários pretos, duma formosura mesmo singular. Toda a vida gostei demais de estrangeiro (Rosa, 2019, p. 87-88, grifos nossos).

A comida nesse caso está ligada à hospitalidade que recebeu da família rica do Assis Wababa, além de trazer lembranças doces de um antigo amor. Mas é fundamental notar a importância da presença e da descrição do alimento que representa uma hierarquia social. A abundância da comida e as refeições são símbolos de riqueza e de poder demonstrados através da mesa. Os alimentos aqui ganham uma carga representativa de distinção social. A qualidade e quantidade de alimentos se distinguem nas camadas sociais.



Desse modo, a representação da escassez ou da total falta do alimento está claramente relacionada ao universo da pobreza. Essa situação fazia parte do cotidiano do povoado do Sucruiú, explorado pelo grande fazendeiro “sêo” Habão. Os habitantes desse lugarejo buscavam sobreviver mesmo com uma alimentação insuficiente. A condição social desse povo pode ser percebida no romance no momento em que Riobaldo relata o encontro do seu bando com homens do Sucruiú que roubavam a casa do Valado. É nessa circunstância que ocorre o diálogo do narrador com o menino Gurigó, habitante daquele arraial, que estava ali procurando o que comer.

- “Gurigó... Minha graça é essa... sou filho de Zé Cancio, seu criado, sim senhor...”
Tão magro, triste, tão desariado, aquele menino já devia prática de todos os sofrimentos. Olhos dele eram externados, o preto num meio do enorme branco de mandioca descascada. O couro escuro dele era que tremia constante, e tremia pelo miúdo, como que receando em si os que não podia ser bom. E no assoalho da boca, mas como se fosse uma língua demasiada demais, que ali dentro não pudesse caber; em bezerro pesteadado, às vezes, se vê assim. [...] Jagunço distraído, vendo um desses, do jeito, à primeira, era capaz da bondade de desfechar nele um tiro certo, pensando que padecia agonia, e que carecesse dessa ajuda, por livração. - “Gurigo, qu’ê que vieram caçar aqui? Fala!” - “O quê qu’ê a gente veio caçar, sim senhor? Eles vieram, eu também vim... Buscar de comer...” (Rosa, 2019, p. 285-286).

Gurigó, ao se apresentar como criado ao senhor, remissão à escravidão no Brasil, apresenta uma imagem que o velho Riobaldo jamais esqueceu: Tão magro, carregando a tristeza consigo e espalhando por onde passava de modo enternecedor, ele que era “desariado”, precisava conseguir sua própria comida e devia de ter prática de todos os sofrimentos. A configuração desse garoto ao interlocutor é iniciada por uma descrição relacionada a uma aparência física digna de pena: “olhos de mandioca”, um couro escuro certamente queimado de sol e uma língua grande que mal cabia no “assoalho” da boca – descrições que constituem um conjunto de “sinais” que o faz ser comparado a um bezerro doente. Sua penosa trajetória e aparência de sofrimento atingem o ponto culminante de



correr o risco de ser morto, mesmo que por ato de misericórdia, por um jagunço distraído que ao matá-lo faria quase que um favor para amenizar seu infortúnio.

A partir dessa imagem, o bando de jagunços passa a dispor de um sentimento de compaixão. Diadorim suspira em piedade: “Coitadinho, os dentes dele estavam alumiando de brancos” (Rosa, 2019, p. 286). Já Zé Bebelo, após uma atitude simples e generosa, de lançar ao menino um pedaço de rapadura, demonstra suas resoluções políticas: “O que imponho é se educar e socorrer as infâncias desse sertão” (Rosa, 2019 p. 286). Durante o trajeto e aventuras nos confins do semiárido do sertão, Zé Bebelo e o grupo de jagunços sempre se deparavam com a miséria real ligada à falta do alimento:

Ao que, esbarramos num sitiozinho, se avistou um preto, o preto já levantado para o trabalho, descampando mato. O preto era nosso; fizemos paragem. [...] a carga toda se pôde resguardar – quase que ocupou inteira a casinha do preto. O qual era tão pobre desprevenido, tivemos até de dar comida a ele e à mulher, e seus filhinhos deles, quantidade (Rosa, 2019, p. 107, grifos nossos).

O modo como se referem à moradia sempre no diminutivo somado ao ato de “dar comida” contribui para delinear os contornos do quadro do subdesenvolvimento. Essa composição anuncia um contexto permeado pela fome, perceptível também na passagem na qual “o homem queria comprar um punhado de mantimento; aquele era casado, pai de família faminta” (Rosa, 2019, p. 58). Riobaldo se dá conta do modo singular que sobrevive “uma família faminta” em meio a um espaço onde impera condições socioeconômicas desiguais e diz: “O senhor sabe: tanta pobreza geral, gente no duro ou no desânimo” (Rosa, 2019, p. 58).

Por meio dessas imagens, desdobradas pelo narrador, recai um olhar mais cuidadoso para a referência ao alimento. Distante de ser um elemento sem relevância, faz alusão, entre outras coisas, ao contexto de riqueza ou pobreza dos personagens.



Nesse sentido, portanto, ao se atentar para a maneira como os personagens são anunciados e para o modo como estão relacionados sob a ótica do alimento, percebe-se como se dispõe a configuração social no sertão.

Considerações finais

Percebemos, dessa forma, que refletir sobre a trajetória do narrador Riobaldo, a partir de suas anamneses, permite içar uma discussão sobre certas imagens fortemente relacionadas ao universo da pobreza. De modo excepcional, Guimarães Rosa constrói um narrador que se edifica como uma figura ambivalente inclusive no campo social. No caso específico do *Grande Sertão: Veredas*, a representação da assimetria social ganha espaço singular, pois as experiências durante a narrativa não partem da voz que fala *do* ou *no lugar do* outro, mas o próprio sertanejo é quem fala e quem *pensa ideias*. O narrador sertanejo Riobaldo coloca em pauta, a partir da imagem do agregado, questões socioeconômicas e comportamentais na sociedade rural. A representação desse homem livre e pobre e ao mesmo tempo dependente do “favor” dos senhores para a manutenção de sua existência é uma evidente consequência de toda a estrutura histórica, social e de poder formada no Brasil.

Com base na organização socioeconômica do romance, ao olharmos para essa temática simbólica da “pobreza”, por meio de um caminho labiríntico das lembranças do narrador, destaca-se a importante alusão ao alimento. Índice fundamental da cultura, crenças e valores de um povo, o elo alimentar, além de atuar como um mediador de memórias (boas ou ruins) para Riobaldo, compreende também dois eixos opostos: um integralmente associado ao domínio de riquezas, refletido na alimentação em fartura; o outro traduzido na fome; na ausência do mantimento, produto do baixo (ou nenhum) poder



aquisitivo, condição que afeta o povo simples do sertão rosiano. Podemos afirmar, assim, que tais eixos retratam um paradigma no tocante às distâncias sociais.

Referências

- ARAÚJO, A. M. S. À mesa com Tatarana: a alimentação como marca da memória em Grande Sertão: Veredas. *Revista Criação & Crítica*, São Paulo, n. 18, p. 170-183, jun. 2017.
- ARNT, G. “Viver é muito perigoso”: latifúndio e violência em Grande sertão: veredas. *Gragoatá*, Niterói, n. 39, p. 430-453, 2. sem. 2015.
- ARRIGUCCI, J. R. D. O mundo misturado: romance e experiência em Guimarães Rosa. *Novos Estudos Cebrap*, São Paulo, n. 40, p. 7-29, 1994.
- BOLLE, W. *Grandesertão.br*. São Paulo: Editora 34, 2004.
- CAMPOS, A. L. A. Os agregados no tempo dos capitães-generais. O exemplo da cidade de São Paulo. *Revista de História*, São Paulo, n. 117, p. 27-69, 1984.
- CHIAPPINI, L. Grande sertão: veredas – A metanarrativa como necessidade diferenciada. *Revista Scripta*, Belo Horizonte, n. 3, p.190-204, 1998.
- COUTO, E. P. Roberto Schwarz e a crítica social na literatura de Machado de Assis. *Revista Florestan*, São Paulo, n. 1, p. 151-163, 2016.
- FRANCO, M. S. C. *Homens Livres na Ordem Escravocrata*. 3. ed. São Paulo: Kairós Livraria Editora, 1983.
- GALVÃO, W. N. *As formas do falso*. 2. ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 1986.
- NUNES, B. *A Rosa o que é de Rosa*. Victor Sales Pinheiro (Org.). Rio de Janeiro: DIFEL, 2013.
- RIBEIRO, E. M. Agregados e fazendas no nordeste de Minas Gerais. *Estudos Sociedade e Agricultura*, Rio de Janeiro, n. 2, p. 393-433, 2010.
- ROSA, J. G. *Grande sertão: veredas*. 22. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- SCHWARZ, R. *Um mestre na periferia do capitalismo*. São Paulo: Editora 34, 2000.
- SCHWARZ, R. *Os Pobres na Literatura Brasileira*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1983.



Departamento de Letras
Instituto de Ciências Humanas e Letras
Rua Gabriel Monteiro da Silva, 700 – Alfenas/MG –
CEP 317131-001 - Brasil

SCHWARZ, R. *Grande sertão: a fala*. In: *A sereia e o desconfiado. Ensaios críticos*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, p. 23-7, 1965.

SILVA, A. P. *O bildungsroman e a inexistência de um estado de direito no sertão rosiano de Grande sertão: veredas*. 2018. 166 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, UFPA, João Pessoa, 2018.



The Image of the aggregate and food in *Grande Sertão: Veredas*

Juliana Freire Fonseca
Universidade Federal de Ouro Preto

Abstract

This work propose an analysis of the novel *Grande Sertão: Veredas*, the author João Guimarães Rosa, having as a guideline the poverty universe. The main objectives was reflect briefly on the labyrinthine narrative and, at the same time, paradoxical, produced through the narrator's memories; to verify the composition of the character Riobaldo, that permeates different social strata; and, among the images of poverty in the work, analyze the figure of the aggregated family member, personification of free poor man, from what was developed in a study based mainly in the perspective of the theoretician Roberto Schwarz (2000). Added to these, another fundamental point considered is the food issue, a reference in many moments of Riobaldo's life, as an important social indicator. In this study, we see a context of social inequalities in the hinterland of Minas Gerais, marked both in the representation of the shortage scenario and in the system used for the maintenance of rural elites.

Keywords: *Grande Sertão: Veredas*. Poverty. Aggregated. Food Issue.



La imagen del agregado y la comida en el *Grande Sertão: Veredas*

Juliana Freire Fonseca
Universidade Federal de Ouro Preto

Resumen

Este trabajo propone un análisis de la novela *Grande Sertão: Veredas* (2019), de João Guimarães Rosa, teniendo como hilo conductor el universo de la pobreza. Los principales objetivos fueron una breve reflexión sobre la narrativa laberíntica y, al mismo tiempo, paradójica, producida a través de los recuerdos del narrador; comprobar la composición del personaje Riobaldo, que recorre diferentes capas sociales; y, entre las imágenes de pobreza en la obra, analizar la figura del agregado, personificación del pobre libre, a partir de lo desarrollado en un estudio basado principalmente en la perspectiva del teórico Roberto Schwarz (2000). Además de estos, otro punto fundamental abordado es el tema de la alimentación, referente en muchos momentos de la vida de Riobaldo, así como un importante indicador social. En este estudio, vemos un contexto de desigualdades sociales en el interior de Minas Gerais, marcado tanto.

Palavras chave: *Grande Sertão: Veredas*. Pobreza. Agregado. Alimento.